



## Resenha

FRANCISCO, C. A. F. **Uma leitura da prática profissional do professor de matemática**. 2009.189 f. Tese (Doutorado em Educação Matemática) – Programa de Pós-Graduação em Educação Matemática, Universidade Estadual Paulista, Rio Claro, 2009.

por Rodrigo de Souza Bortolucci<sup>1</sup>

Esta tese “[teve] por objetivo investigar componentes que caracterizam a prática profissional do professor de matemática, segundo o entendimento de uma professora de ensino fundamental” (p.2). Sua “origem” está intimamente ligada à prática docente do autor, além da demanda por pesquisas nessa área. Sua relevância fica evidenciada na afirmação do autor: “a menos que professores *se* vejam *realmente* representados em suas práticas profissionais, nos princípios que valorizam e nas demandas que identificam, reformas de todo o tipo estarão fadadas ao fracasso” (p.5).

No Capítulo 1, intitulado “*Pressupostos Teóricos da Pesquisa*”, é apresentado o referencial teórico da pesquisa, o Modelo dos Campos Semânticos (MCS), em particular o conceito de leitura plausível, para buscar coerências entre a fala do professor e sua prática. Segundo nos é apresentado, “quando fazemos uma leitura plausível, pensamos na aproximação de um olhar antropológico que procura conhecer como a cultura de um determinado grupo social funciona, sem a necessidade de alteração ou mudança desse ambiente por julgá-lo menos ou mais importante aos olhos de quem o estuda” (p. 9). Ao apresentar a questão norteadora de sua pesquisa: “***Quais são os componentes que caracterizam a prática profissional do professor de matemática?***” O autor deixa bem claro que a pesquisa busca **entender** e **não mudar** a prática do professor, assim como o que é, para o professor, a sua prática.

O Capítulo 2, “*Procedimentos de Investigação e Descrição das Rotinas da Professora*”, é iniciado abordando o método da pesquisa. Começa-se mostrando que a pesquisa será qualitativa, caracterizada como etnográfica, tal método servindo como “ponte” entre o universo da prática profissional do professor de matemática e o universo das pesquisas em educação matemática, tentando aproximá-los.

---

<sup>1</sup> Mestrando em Educação Matemática – UNESP – Rio Claro. Email: rsbortolucci@yahoo.com.br

O autor caracteriza, segundo André (1995 apud FRANCISCO, 2009) e Martins (2006 apud FRANCISCO, 2009)), a pesquisa de tipo etnográfico como a que faz uso de técnicas tradicionalmente associadas à etnografia, ou seja, à observação participante, entrevistas, análise de documentos, histórias de vida, fotografias, vídeos e outros.

Após a descrição das etapas da pesquisa, é apresentada a rotina diária da professora, juntamente com as principais características deste cotidiano, como pode-se notar no seguinte trecho:

    Maria [nome fictício] tem 35 anos de idade, é professora efetiva de Matemática de uma escola de ensino fundamental do Governo do Estado de São Paulo. Possui aproximadamente doze anos de magistério e formou-se em Licenciatura em Matemática [...] Sua carga horária é de 25 horas-aula mais 3 horas de HTPC (Horário de Trabalho Pedagógico Coletivo). Para complementar sua renda, ministra 20 horas-aula na rede particular de ensino fundamental e médio no período da manhã. (p.35)

Ao embarcarmos no capítulo 3, “*Outros Olhares para a Prática Profissional do Professor de Matemática*”, encontramos uma revisão bibliográfica que foca os modos de olhar para a prática profissional do professor de Matemática procurando contribuições, a meu ver justificativas, para essa pesquisa, vantagens para o pesquisador olhar, refletir e repensar sua prática, assim como diferenças entre esta proposta outras existentes.

Temos então a questão da página 53: “Será que não há mais nada a saber sobre a prática profissional do professor de matemática que de fato acontece na escola, uma vez que há consenso de que a práxis transformadora referida parece não estar presente no cotidiano do professor?” Segue, na mesma página, citação de Andrade (2008 apud FRANCISCO, 2009): “A sala de aula pode nos falar sobre a prática do professor e nos dizer também da angústia que podemos ter ao constatarmos que as práticas dos professores de Matemática continuam as mesmas de sempre. Assim, ela também revela que a pesquisa tem colaborado muito pouco em relação à mudança da prática do professor.” Com isso, o autor finaliza o capítulo nos alertando para não sermos induzidos a pensar que se as práticas continuam as mesmas, o fracasso delas deve ser tomado como certo mas, sim, que a manutenção das práticas nos mostra a necessidade de entender o que caracteriza os modos de organização da prática profissional do professor, em seus próprios termos, antes de qualquer pré-julgamento.

No capítulo 4, “*O Perfil do Professor de Matemática Presente nos Documentos Oficiais*”, são evidenciadas características “esperadas” da prática profissional do

professor de matemática presentes nos Parâmetros Curriculares Nacionais (PCN) e nas Diretrizes Curriculares Nacionais para os Cursos de Matemática (DCN). Ambos os documentos apontam para um professor flexível ao reconhecer as demandas dos alunos com quem está lidando, enfatizando o papel da matemática da sala de aula na construção e no exercício da cidadania. Além disso, é função do professor de matemática tornar o conhecimento matemático acessível aos alunos e passível de ser aprendido pelos alunos. O autor finaliza com questionamentos dentre os quais destaco: O professor precisa ser um super-herói para dar conta de tantas incumbências?

O capítulo 5, “*Caracterização da Prática Profissional da Professora de Matemática*”, traz um mapeamento, enriquecido com trechos das primeiras entrevistas, da professora que participa da pesquisa. Temos então, uma “professora real”, no sentido de ser uma professora em efetivo exercício no magistério, que não participa de grupos ligados à universidade, desenvolve jornada de 48 horas/aula dividida entre a rede pública e privada, que se frustrou com o curso de matemática e acredita que tanto a universidade quanto os responsáveis pelo HTPC estão longe/fora da realidade da sala de aula. Essa docente defende também que o professor deveria elaborar seu próprio material didático, o que é impossível nas atuais circunstâncias, em que se precisa cuidar das cobranças e da indisciplina dos alunos. Entendo que isso pode ser resumido num excerto da fala da professora, transcrito à página 96: “O professor tem que ser um super-herói”.

Após vários trechos das entrevistas são apresentados para iniciar a busca pela caracterização da prática profissional da professora. Dado o modo detalhado com que isso é feito, essa descrição acaba por constituir a maior parte da tese.

“*Considerações sobre a Caracterização Prática Profissional da Professora de Matemática*”, título do sexto capítulo, traz a caracterização da prática profissional e crenças da professora sob as lentes do MCS. O autor deixa claro que sua pesquisa não busca representar todas as práticas dos professores de Matemática, mas, sim, oferecer suporte para formadores e para as políticas educacionais visando a minimizar o distanciamento entre estas e os professores. O relato inicia-se mostrando uma face tradicional na postura da professora. Para ela, um bom professor de matemática precisa conhecer formas eficientes de transmitir os conteúdos matemáticos e controlar a indisciplina dos alunos. A falta de apoio das famílias dos alunos em relação à indisciplina é outro agravante. O que determina o sucesso ou insucesso de sua prática

não é o seu ensino tradicional, mas sim em qual grupo social essa prática está inserida, já que ela destaca não ter problemas na escola particular ao usar a mesma didática.

Seu fracasso também abarca o distanciamento entre o currículo do curso de licenciatura e a sua prática profissional. A professora parece não pensar em questões de ensino-aprendizagem ou não tematizá-las conscientemente. O autor explicita que a professora distingue os momentos dentro e fora da sala de aula, já que seu discurso “fora da sala” é compatível com o dos PCN, porém sua prática parece não refletir esse acordo. Contudo, o autor defende que isto não é uma incoerência, pois a professora deixa claro que é necessário entender a profissão de ensinar, levando em consideração as demandas de seus alunos reais.

Focando esse distanciamento entre as mudanças propostas pelas pesquisas em Educação Matemática e as “demandas reais” com as quais a professora se depara, Francisco defende que “a mudança deve envolver um projeto político bem declarado e compartilhado, para que não pareça – nem aconteça - que os formadores sejam os que dominam a receita – conhecimento formal – e que os professores sejam os que devem saber utilizá-los.”

Nas “*Considerações Finais*” da tese é apresentado um resumo de todo o trabalho juntamente com questionamentos abordando a formação oferecida pelos Cursos de Licenciatura em Matemática, de Formação Continuada de Professores, a Prática Docente e as Condições de Trabalho que influenciam a prática do professor. Tais temas podem motivar a produção de novas pesquisas.

Segundo penso, o trabalho de Francisco motiva questionamentos essenciais, dentre os quais destaco: *De que modo os Cursos de Licenciatura em Matemática poderiam tomar a prática como início, meio e fim da formação? Como esses cursos podem oferecer a oportunidade para que o licenciando seja um professor de matemática desde o início do curso? E acrescento a questão: Como fazer isso de modo a não desestimular o aluno frente ao quadro de ensino que ele verá? Outras questões importantes são: De que forma é possível oferecer um sistema de formação continuada que receba e acompanhe o professor no início de carreira? De que forma os cursos de licenciatura em matemática oferecem ao futuro professor a discussão sobre o uso e a escolha de diferentes abordagens e metodologias para as aulas de matemática, como forma de adequar o que se vive na sala de aula ao objetivo de se ter a aprendizagem? Em que medida os cursos de licenciatura oferecem “cultura geral” ao futuro professor*

*de matemática? De que forma as pesquisas em Educação Matemática vêm estudando as influências das condições de trabalho dos professores de matemática na qualidade de ensino?*

O texto apresenta várias vezes as características da prática da professora, o que torna a leitura um tanto repetitiva. Porém, talvez pelo fato de querer enfatizar alguns aspectos dessa prática, essa estratégia tenha sido necessária. Sem diminuir a importância do assunto pesquisado, ao revisar a tese, o leitor poderá refletir sobre os seguintes questionamentos:

- Até que ponto acompanhar e descrever a prática dessa professora acrescentou algo para as considerações finais, posto que a prática descrita parece ser usual?
- Uma revisão bibliográfica não seria suficiente para tal caracterização, já que a configuração desse quadro está muitas vezes presente nas justificativas de trabalhos que propõem práticas alternativas ao tradicional?
- As falas da professora, segundo penso, permitem que doses de preocupação, receio e indecisão sobre algumas de suas atitudes e práticas sejam detectadas. Isto lembrou-me do “medo”, como tratado em Freire: medo que não pode paralisar, devendo servir de estímulo, pois “quanto mais você reconhece que seu medo [de alterar suas práticas] é consequência da tentativa de praticar seu sonho, mais você aprende a pôr seu sonho em prática” (apud STRECK et al., 2008, p.335). Neste trabalho percebe-se a paralisação da professora ou sua busca pela realização de seus sonhos? Seria essa uma boa caracterização dos professores de nosso país?

Ressalto ainda o apelo da professora para que formadores entendam a profissão docente e considerem o que o professor vive dentro da sala de aula, o que a meu ver é um importante lembrete sobre quem e para quem devemos pensar e direcionar nossas pesquisas.

Por fim, trago a ponderação feita por Francisco, à página 166, nos convidando a uma nova reflexão: “O que se espera do professor de matemática revela muitas

cobranças sobre como ele deve agir em sua prática, porém muitas vezes não são levadas em conta as demandas com que esses mesmos professores precisam lidar”.

## **Referência**

STRECK, D. R.; REDIN, E.; ZITKOSKI, J. J. (Orgs.) **Dicionário Paulo Freire**. Belo Horizonte: Autêntica, 2008.